

Discurso, identidade e processo de subjetivação na prática dos professores

MELO, Fabíola Cristina.

Resumo

O objetivo desse trabalho é investigar as práticas discursivas de subjetivação dos professores em suas atividades cotidianas dentro do contexto escolar. Como embasamento teórico, tomam-se os estudos de Análise do Discurso de Linha Francesa – AD, derivadas dos trabalhos de Michel Pêcheux e, também, dos postulados de Michel Foucault e Mikail Bakhtin. Para tanto, serão abordados, entre outros, os conceitos centrais – sujeito, discurso, formação discursiva, condição de produção e subjetividade. Este artigo se propõe também refletir sobre o papel do professor e suas concepções epistemológicas, bem como toda a questão do saber como forma de marcar seu espaço e construir sua identidade como sujeito histórico, social e ideológico.

Palavras-chave: Análise do discurso, sujeito, discurso, identidade, processos de subjetivação.

Abstract

The aim of this paper is to investigate the teachers' discursive practices of subjectivation in their daily activities within the school context. As theoretical basis, the French Discourse Analysis studies are used. That Discourse Analysis comes from Michel Pêcheux's works and also Michel Foucault and Mikail Bakhtin's postulates. For that, the central concepts – subject, discourse, discursive formation, condition of production and subjectivity - will be approached, among others. This article also intends to reflect on the teachers' role and on their epistemological conceptions, as well as the whole subject of the knowledge as a form of marking their space and of building their identity as a historical, social and ideological subject.

Key-words: Discourse Analysis, subject, discourse, identity, practices of subjectivation

Sobre a autora

Fabíola Cristina Melo

Natural de Araxá - MG.

Graduada em Letras e em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Araxá.
Especialista em Língua Portuguesa e em Supervisão e Inspeção Escolar.
Mestre em Linguística - Análise do Discurso (UFU).
Professora no Centro Universitário do Planalto de Araxá.
Chefe do Departamento Pedagógico
da Secretaria Municipal de Educação de Araxá -MG.

Publicações:

Livro:

Deslocamentos da Morte à Vida
e outros sentidos em Florbela Espanca - 2004.

Artigos:

Desenvolvendo competência para a gestão escolar: os implícitos nas relações
diretor?supervisor?professor. In: **Evidência - olhares e pesquisa em saberes educacionais.**
Araxá, 2005, p. 95-108.

Uma reflexão crítica sobre a prática da avaliação In: RIBEIRO, E.A. (Org.) **Múltiplos olhares em
avaliação educacional: desafios contemporâneos.** Araxá, 2006, p. 31-41.

Discurso, identidade e processo de subjetivação na prática dos professores

MELO, Fabíola Cristina.

A palavra é corpo que significa: o enunciado não se separa nem do ato social da enunciação, nem de uma presença que se dá, se gasta ou se perde na nominação.

(Michel de Certeau)

Por muito tempo, os professores se vestiram de um agasalho de proteção e, hoje, vemo-nos obrigados a nos despirmos destes agasalhos que nos protegeram do desconforto das instabilidades e, sobretudo, nos impediram de sentirmos o frio das ausências e o calor das presenças.

A imparcialidade, usada como cortina, nem sempre pôde assegurar que os raios de luz a ultrapassassem ou dela emergissem, dando visão e clareza aos discursos usados pelos professores como forma de assegurar o seu lugar no tempo e no espaço. Fischer (2001, p. 198) sintetiza esse pensamento:

[...] para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em

funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relação histórica, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos.

Assim, esse trabalho pretende descortinar, analisar processos de subjetivação na prática dos professores, articulando os conceitos de discurso, sujeito, identidade e contexto histórico, apontando caminhos para a (re)construção das concepções e práticas pedagógicas.

Para Foucault, o sujeito é sempre o resultado de uma prática, ou seja o sujeito é sempre fabricado. Assim, a escola seria um espaço de “fabricação” de sujeito bem determinados e específicos. A escola ainda é tida como uma instituição disciplinadora e, por conseguinte, seus professores também fazem, de uma forma ou de outra, uso do saber para fabricar seus alunos.

Sabemos que o saber não é algo que flutua no espaço: o saber dos professores está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua vivência e com a sua história.

Assim podem os confirmar:

[...] inserido na história e na memória, cada texto nasce de um permanente diálogo com outros textos; por isso, não havendo como encontrar a palavra fundadora, a origem, a fonte, os sujeitos só podem enxergar os sentidos no seu pleno voo. (GREGOLIN, 2001, p. 10)

É dessa maneira que o pensamos o discurso, como forma de visualizar os sentidos emanentes do próprio fazer. Um fazer que se constrói e reconstrói na e através da prática e no/do próprio discurso.

Nesse sentido, é necessário analisar o discurso, relacionando-o com esses elementos que lhe são constitutivos e, que, também, constitui o seu trabalho.

O discurso do professor é carregado de saber social porque é partilhado por grupos de pessoas – os próprios professores –, e estão susceptíveis a influências externas. Desse ponto de vista, as representações ou práticas dos professores

ganham sentido somente quando colocadas em destaque em relação a essa situação coletiva de trabalho.

É por acreditar que é através dos discursos que se fazem as práticas do cotidiano que procuramos compreender os processos de subjetivação dos professores no contexto escolar. É na Análise do discurso, doravante AD, de linha francesa, que iremos nos amparar, mais especificamente em Pêcheux, Gregolin e, também, nos estudos de Louis Althusser, Michel Foucault e Maikail Bakhtin.

Para nos ajudar a compreender essa disciplina – AD –, Fernandes (2005, p. 66-67) aponta os aspectos da sua constituição teórica:

- a) o atravessamento da Linguística pelo Marxismo, próprio à explicitação do objeto da Análise do Discurso – o discurso –, que resulta da articulação entre o lingüístico e o histórico;
- b) uma constante problematização das bases epistemológicas da AD, até mesmo pela pluralidade e especificidades dos objetos;
- c) o discurso como objeto de estudo apresenta-se também como um lugar de enfrentamento teórico (cada objeto tomado para análise apresenta, por exemplo, elementos da história que lhes são peculiares, o que implica uma volta à teoria);
- d) a Análise do Discurso implica apreender a língua, o sujeito e a história, em funcionamento, uma vez que a própria teoria do discurso revela uma determinação histórica dos processos semânticos, e, com isso, uma dispersão dos sentidos.

Por isso, vale ressaltar que o conceito de discurso que orienta o presente trabalho é concebido pelo viés da AD, que é diferente de enunciado e de texto. Segundo Foucault (2002:124), o discurso pode ser entendido como “um conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação”.

Acreditamos, assim, que os estudos de Foucault trazem grandes contribuições a este estudo. E para reafirmar o que já fora dito anteriormente sobre a fragilidade do sujeito, voltamo-nos às contribuições foucaultianas para este trabalho.

É o que somos – os conflitos, as tensões, as angústias que nos atraves-

sam – que finalmente, é o solo, não ousou dizer sólido, pois por definição ele é minado, perigoso, o solo sobre o qual eu me desloco. (FOUCAULT, 2003, p. 230).

É nesse solo minado que iremos traçar o nosso caminho. Para Foucault (2003), tornamo-nos sujeitos a partir de três modos de subjetivação: pelos modos de investigação, pelas práticas classificatórias e pelos modos de transformação que nos são aplicados pelos outros e por nós mesmos. Somos uma somatória de tudo que vivemos e falamos. Somos sujeitos marcado e construídos pelas práticas que nos classificam, pelas transformações que nos são impostas, pelos discursos que ouvimos, pelas perguntas que fazemos e que nos são feitas, pelas respostas que gritam e que são silenciadas. Enfim, somos resultados de um contexto sócio-histórico e ideológico no qual estamos inseridos.

Dessa forma, é necessário compreender as condições histórico-sociais que possibilitam a irrupção de acontecimentos discursivos do sujeito, ou seja, é necessário compreender por que certos enunciados aparecem no discurso do professor e não outros. Para elucidar essa questão, devemos clarear o que chamamos de enunciado. Foucault vai além desse conceito. Ele parte da concepção de enunciado para arquivo.

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos. (FOUCAULT, 2002, p. 149).

Dessa forma, não podemos compreender o conceito foucaultiano de discurso, desvinculando-o de uma prática. Assim como não podemos compreender o discurso do professor sem a sua prática. Somos o que falamos, ou, falamos do/ sobre o que somos.

O professor, como toda a sociedade, adota procedimentos de exclusão e de interdição, determinando o que se pode ou não dizer em determinado lugar ou circunstâncias. Isso, para Foucault, está na ordem do discurso.

Consoante com esse filósofo, sabemos que uma mesma frase ou enunciado pode ter mais de uma significação, ou seja, podemos dizer uma coisa querendo dizer outra ou o dito pode ter outros sentidos para quem ouve. “De um modo ou de outro, as coisas ditas dizem bem mais que elas mesmas” (FOUCAULT, 2003: 127). Assim, o professor pode dizer uma coisa querendo dizer outra, ou até mesmo o seu dizer pode causar efeitos de sentido múltiplos: “redobramento” ou “desdobramento”, ou seja, ecos do dizer.

Como referência para este trabalho, devemos considerar a noção de efeito de sentido a partir da acepção de Pêcheux.

Observamos que... a teoria da informação... leva-nos a falar de mensagem como transmissão: o que dissemos precedentemente nos faz referir aqui o termo discurso, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B. (PÊCHEUX, 1990, p. 82).

Os sentidos, então, vão além das palavras ditas. Os sentidos estão nos vãos que se preenchem, nas contradições estabelecidas em regularidades que podem ser percebidas em uma materialidade lingüística – o discurso dos professores.

É importante ressaltarmos o papel que a linguagem exerce como elemento de constituição da realidade. Foucault (2002) destaca a função dos efeitos de verdade na produção de subjetividade, ou seja, o sujeito, para esse filósofo, não é uma essência que preexiste à sua constituição na e pela linguagem. Assim, as subjetividades são também resultados de operações discursivas.

Para entendermos tudo isso, é importante tomarmos o conceito de sujeito, derivado dos trabalhos de Pêcheux, que afirma que o sujeito é sempre interpelado pela ideologia, ou seja, ao produzir o seu discurso, o faz de determinadas posições

ideológicas, que não são ocupadas conscientemente, individualmente, pois o sujeito é socialmente constituído. O sujeito na AD é sempre transpassado pela ideologia, resultando em um sujeito cindido, clivado, descentrado, que não se constitui em origem dos processos discursivos dos quais participa.

Com o professor não poderia ser diferente: ele se constitui na e pela interação verbal, podendo “tornar-se” em um novo sujeito em relação com um outro e na relação com o outro, a partir da manifestação do inconsciente – que passa a existir a partir da linguagem. Essa existência ganha identidade por meio da atividade verbal – o discurso – e, também, pela prática cotidiana.

Dessa forma, o professor não é o sujeito único, considerado de origem individual e/ou autônomo no/do que diz. Ele não tem controle total dos efeitos de sentido que sua enunciação vai produzir. Ou, nas palavras de Foucault:

[...] os sujeitos que discursam fazem parte de um campo discursivo [...] o sujeito não é um lugar no qual a subjetividade irrompe; é um espaço de posições-de-sujeito e de funções-de-sujeito diferenciadas. (FOUCAULT, 1991, apud VEIGA-NETO, 2003, p. 120)

As reflexões até então arroladas acerca do discurso e dos processos de subjetivação reiteram que as coisas são construídas pelas palavras, que tudo é constituído pelo discurso e, que, até mesmo os sujeitos são constituídos por meio das práticas discursivas cotidianas – atos de linguagem.

Nessa perspectiva, há, às vezes, uma contradição entre o *ser* e o *agir*, ou melhor, o que *eu sou e faço* e o que *eu falo*. O professor é constituído socialmente através de formação profissional, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, etc, e, também, de tudo aquilo que ele é e faz bem como o que foi e fez. Portanto, vale considerar uma interface entre o individual e o social, entre o discurso e a prática.

Seguindo Foucault, é necessário pensar a rede discursiva que entrelaça os

processos de subjetivação na prática discursiva dos professores.

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2002, p. 136)

É por apossar os enunciados que percebemos os processos de subjetivação implícitos no discurso do professor. Podemos perceber, dessa forma, que são várias as tentativas de subjetivação nas práticas pedagógicas que, de certa forma, tentam mudar o comportamento do educando para torná-lo mais “encaixável” em um modelo determinado pelo sistema.

De alguma forma, notamos que as práticas discursivas de subjetivação entre os professores estão presentes em seus discursos, e que embora seja possível apontar diversas ações que diferenciam uma prática da outra, há sim um certo arcabouço em que se apoiam os discursos dos professores e que nos faz afirmar que há uma certa similitude.

Tudo isso está imbricado no que podemos considerar ainda como verdade e poder. Há professores que se consideram detentores da verdade e donos do poder. As “verdades” se instalam e constituem a cultura de uma época, trazendo diferentes formas de exclusão. E o professor, em seu discurso, exclui, vigia, pune, domestica e faz calar a voz de seus alunos.

Vários questionamentos podem ser feitos: seria o sujeito-professor este ser determinado pelas representações sociais de seu grupo? Acreditamos que sim. O professor só pode ser concebido sob a luz de seu grupo social. Portanto, o seu dizer está marcado, também, pelas relações de trabalho. Ele não pode dar-se origem. É nesse grupo social que se produz a representação desse sujeito. Não podemos ignorar o sujeito e nem o seu grupo social. O sujeito não se constrói em um sentido sozinho, sem a participação de outros sujeitos, que co-participam da sua história, emaranhada pelas redes dialogais que se estabelecem nas relações. Ainda sobre a

relação do sujeito com seu dizer, Melo (2004, p. 31) afirma que “a linguagem, os sujeitos e os sentidos não são transparentes e nem inocentes, mantêm uma relação de significados pela inscrição da língua na história, e isto produz efeitos de sentido e uma ilusão de que o sujeito é dono do seu dizer, dando, então, a ilusão de transparência”.

Por essas razões, é que o professor ao se constituir como sujeito do discurso o faz por força das circunstâncias. Ele se insere e se inscreve em um dado contexto sócio-histórico-ideológico, apropriando-se de toda formação discursiva presente.

[...] é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguajero discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, a existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes. (PÊCHEUX, 2002, p. 54).

A partir dos dizeres de Pêcheux, podemos constatar que, além das forças existentes – histórico-sociais e ideológicas – temos, também, a força do inconsciente. O sujeito transfere para o interior de seu discurso, o seu desejo e todas as forças de sua subjetividade. Este inconsciente para a AD diz respeito somente à existência de um outro que fala no interior do próprio sujeito, marcando o que Authier-Revuz (1990) chamou de *clivagem do sujeito*, ou seja, todo sujeito de um discurso é marcado, na sua origem, pela divisão não consciente do seu dizer.

É nessa mesma direção que caminha a afirmação de Moscovici (1978, p. 56):

os indivíduos, em sua vida cotidiana, não são apenas essas máquinas passivas para obedecer a aparelhos, registrar mensagens e reagir às estimulações exteriores, em que os quis transformar uma Psicologia social sumária, reduzida a recolher opiniões e imagens. Pelo contrário, eles [os sujeito] possuem o frescor da imaginação e o desejo de dar sentido à sociedade e ao universo a que pertencem.

Percebemos que o trabalho conjunto leva a uma representação e subjetividade bem estabelecidas, pois o sentido não é dado de antemão, mas construído no discurso, falando sobre quem o está usando. Mas isso não significa que haja uma submissão total, fazendo com que o sujeito passe a repetir sempre o já dito.

Os sujeitos, num mundo mediado por diálogos multifacetados e por interações constantes, são obrigados a tomar posição, a marcar-se de forma ativa (Bakhtin, 1992). Assim também é o professor. Ele toma posição mediado pelos diálogos de que participa, pelas interações das quais faz parte. A articulação entre as representações sociais e discursivas do professor parece estar amparada em Mالدیدیر, Normand e Robin (1997, p. 94), “trata dos processos pelos quais o ‘sujeito falante’ toma posição com relação às representações das quais ele é o suporte, sendo que estas representações se encontram realizadas pelo ‘pré-construído’, lingüisticamente analisável”. Assim, parece ter-se que considerar que o professor pode estabilizar os sentidos dos seus discursos por meio da representação social do seu grupo, tomando-a como o princípio logicizador e filtro para olhar o aluno e a instituição escola, bem como olhar o mundo.

Se tomadas as noções de sujeito, representações, subjetividade e discursivização, tudo parece encaminhar para uma percepção de que os efeitos de sentido são construídos culturalmente. Isso nos leva a considerar que o sujeito é interpelado ideologicamente, aderindo a uma forma de visão de mundo, para (re)construir-se em um sujeito que muito mais fala do que é falado.

O objetivo deste trabalho, apresentado inicialmente, era perceber que os discursos encontram-se no eco das diversas redes enunciativas e, para isso, devem ser perseguidos em suas mais diversas movências. Os processos discursivos de subjetivação são os discursos que, por vezes, tomam formas diferentes, mas inscrevem-se num mesmo arquivo – no interior de uma mesma formação discursiva. Como consequência disso, esses processos de subjetivação estão presentes o tempo todo no discurso do professor que se propõe orientar e educar seus alunos. Procuramos, neste trabalho, apenas levantar alguns questionamentos sobre o dis-

curso do professor e os processos de subjetivação presentes em sua prática cotidiana. Procuramos, também, mostrar, mesmo que ainda de uma forma bem tímida, o poder que o discurso do professor pode ter sob seus alunos, ou melhor, recorrendo-nos a Foucault (2001), nos discursos que partem do “rei”, da “soberania”, mas também dos “súditos”, em suas práticas discursivas cotidianas que determinam as múltiplas sujeições que existem no interior da instituição escola e que tem influência nas relações sociais entre professores/professores, professores/alunos e alunos/alunos.

Sabemos que o discurso não é a única forma de exercer poder na instituição escola. Outras tantas formas são utilizadas para esse fim, mesmo que mascaradas. Foucault (2001) faz uma consideração a esse respeito:

Os procedimentos de poder colocados em prática nas sociedades modernas são bem mais numerosos, diversos e ricos. Seria falso dizer que o princípio da visibilidade comanda toda a tecnologia de poder desde o século XIX. (FOUCAULT, 2001, p. 211).

Sabemos, também, que várias são as tecnologias usadas para se ter poder. O próprio olhar nos sinaliza relações de poder: *o poder do olhar* ou *o olhar de poder*.

[...] sem necessitar de armas, violências físicas, coações materiais. Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo. Fórmula maravilhosa: um poder contínuo e de custo afinal de contas irrisório. (FOUCAULT, 2001:218)

Assim, temos que reconhecer a opacidade do poder pelo viés não só do olhar, mas através de todo o jogo estabelecido pelas relações discursivas nas práticas cotidianas dos professores.

Procuramos, dessa forma, mostrar, no rastro de autores que buscam colo-

car o social como motor da constituição dos sentidos, que o professor é constituído por meio de e através das relações estabelecidas no grupo social em que está inserido. A história de uma trajetória vivida pelos professores não se faz isoladamente, são os próprios professores que a constroem, a partir da tessitura de milhões de fios que se cruzam, se entrecruzam, se distanciam, se aproximam, se diferenciam, se igualam, abrindo e fechando caminhos, possibilitando ver o que não fora visto antes.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, Eni P.; Geraldí, João Wanderley. (Org.) **Cadernos de estudos lingüísticos**. Campinas: Unicamp, 1990. n° 19, jul./dez. p. 25-42.

BAKHTIN, Mikail. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1981. p. 157-235.

BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 4ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*. Nov. 2001, n. 114, p. 197-223. ISSN 010001574. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-1574200100300009&em&nrm+isso. Acesso em 24 out. 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Forense Universitária, 2002. 239p.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São

Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. O olho do poder. In: _____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. Poder e Saber. In: _____. **Estratégia, poder-paber**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 68- 174.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do Discurso: os sentidos e suas movência. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise, CRUVINEL, Maria de Fátima e KHALIL, Marisa Gama (Orgs.). **Análise do Discurso: entornos do sentido**. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001, p. 9-34.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Michel Foucault: o discurso nas tramas da história. In: FERNANDES, Cleudemar Alves e SANTOS, João Bosco Cabral dos (Orgs.). **Análise do Discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: Entremeios, 2004. p. 19-42.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004b.

MALDIDIER D. Et al. Discurso e ideologia: Bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Gestos de leitura**. 2. ed. São Paulo: Editora da INICAMP, 1997.

MELO, Fabíola Cristina. **Deslocamentos da Morte à Vida e outros sentidos em Florbela Espanca**. / Fabíola Cristina Melo _ Araxá, 2004.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso – Uma Crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.